

Data: 26/Out./1979

Local: Rio Biá

Seringueiro: Paulo Garcia (D. Paulo - peruano).

Desde 1.960 está no Rio Biá, tirando seringa.

A VIDA DOS KATUKINA DO RIO BIÁ

MALOCAS EXISTENTES

MALOCA DO MATRINCHÁ:

Cerca de 55 índios trabalhavam nesta maloca. Eram muito unidos.

Tuxáua: (CAXERO)

Maloca: Era uma só, moravam todos juntos.

Viviam nós: Se escondiam das pessoas.

Ação Civilizadora - Regatões.

"Me procuraram para ser Chefe deles. Fiquei por 3 anos. Mas este prazo aumentou muito, estou até agora. Trabalharam 4 anos para nós. A gente ia civilizando e vestindo eles."

"Na época levavam panelas, pratos, tudo. E negavam. Eu dizia que 'era para eles pedir, que a gente não nega'."

"Aí começaram a civilizar-se."

"Quando compra precisa pagar. Aí patrão fica contente. Eles se vão a trabalhar."

"Aí começou a chegar REGATÃO. Como eu não tinha motor, os regatão me perguntavam onde estavam os índios. Eu pedia a eles que não vendessem todo o produto ao regatão. Mas vendiam, e não apareciam mais em minha casa. Só algum que era mais sério, é que não vendia. Chamavam ele para beber um TRAGO e ele respondia: 'Não. Panema. Eu não bebe'. Insistiam para que ele bebesse e ele ficava firme: 'Não. Panema. Patrão Paulo, ele vendê mercadoria prá mim, eu vendê sorva prá ele'."

"Não deu certo, pois os regatões vendiam livres e eu tinha de me sacrificar para conseguir a mercadoria. Deixei de trabalhar com eles. Aí eles se espalharam também."

"Tá uma maloca na BOCA DAS ONÇAS, tá aí uma capoeira grande, né? Era um roçado sem fim. Muita mandioca, muita farinha tinha essa gente. Hoje em dia eles não tem mais nada, só vivem comprando farinha do regatão. Antes de trabalhar, precisavam ter farinha, se não, não tem rancho. Tem umas rocinhas, malmente. O regatão também não lhes deixa. Tá trabalhando atrás do produto, e não pode nem fazer roça, nem fazer produto."

Hoje estão morando BEM ESPALHADOS e de ARRIBADA. Um dia encontro um Katukina, pergunto onde está morando, diz: 'bem aí'. Amanhã não está mais. Está noutro canto."

"E estão fazendo QUASE COMO GENTE CIVILIZADA: que tem um bom e um ruim. Compra do regatão alguma coisa e diz: vem na baixada, eu aqui, marupiara. Quando baixa o regatão, não está mais, e quem sabe onde está. O regatão se bate por lá procurando onde está o produto. QUE NADA,, NEM PRODUTO, NEM CADOCLO".

"Havia outros tantos na MALOCA PAXIUBA. É uma maloca bem velha. Desde antigamente moravam lá. Agora se UNIRAM os de MATRINCHÁ com os de PAXIUBA. Tem uma pequena turma nos IGARAPÉ DO JABURU."

ENTRADA DOS REGATÕES: 1965 em diante.

Pedrao já trabalhava antes de D. Paulo chegar. "Foi o primeiro a trabalhar". Pedrao levou D. Paulo, e foi a última viagem. D. Paulo fez duas remessas de sorva e Pedrao não foi mais. Só mandou um empregado dele. 1.960 ± - Caso.

"Pedrao não veio mais, aí ficou o MOURA viajando. Depois de FRANCISCO MOURA, ficou o CORREA. Depois ficou o FRANCO, que agora está na foz do Jutai, trabalha parece-me, no mercado. Subia o ELOI AGUILAR, filho de Sergio Aguilar, este do flutuante. Depois entrou o ZÉ VELA, que está em Manaus. E depois deste entraram os MENDES. Depois dos Mendes, nem sei quem foi. Foi uma infinidade de regatão. E neste ano deu regatão aqui! De todo o canto,"

DOMIÇAS - EPIDEMIAS:

"Naquele tempo não havia. Doença era pouco. Agora não sei o que atraiu, não sei de onde apareceu tanta doença."

"Naquele tempo era um lugar sadio e quanto mais acima, mais sadio é era este rio. Nunca se via adoecer estes caboclos."

Uma época que subiu um REGATÃO COM UMA GRIPE, aí sim, é que os CABOCLOS ADOECERAM, parece que MORRERAM ALGUNS.

O caboclo tem medo de gripe. Porque a GRIPE PRA ELLES É UMA DOENÇA HORRÍVEL, QUE MORRE DE REPENTE.

Ele pergunta logo se não tem catarro, quando a gente chega na maloca.

TEM MEDO DE FEBRE E CATARRO!

CACHAÇA - ANTIGAMENTE e HOJE

"Hoje em dia a cachaça não falta. Se você pergunta prá um regatão p por uma pastilha de remédio, não acha. Mas, cachaça tem. E eles só vendem o produto se for com a cachaça. Se não deixa cachaça, eles não vendem."

Antigamente era assim também. Esses indígena só gosta de uma cachaça. Todo indígena, em minha terra também, gostam da cachaça. Para os indígenas peruanos, em primeiro lugar está a cachaça. Deixam de comprar um vestido, pela cachaça!.

CONSEQUÊNCIAS:

"Muita coisa já aconteceu devido a cachaça. Se pode até proibir, não dar-lhes muito, dar pouquinho, que não os embriague, aí também eles ficam satisfeitos. Quando trabalhavam comigo, comprava pouquinho cachaça e lhes dava. Então faltava e queriam ficar brabos comigo. Eu lhes dizia: '-Não, a cachaça não presta tomar muito, fica porre, tu cai num pau, quebra tua cara. Cai no lago, tu morre. Leva mercadoria, prá tu trabalhar, compra um calção, uma camisa que é melhor'. Aí ele ficava satisfeito. Aí quando passava o efeito dizia que assim era bom. Era magrupiara. Mas ninguém civiliza isto, porque se todos fossem desta opinião, já estava mais cortada a cachaça. Dar somente para agradar-lhes e dar-lhes outras mercadorias."

Quando bebem muito dão com pau um na cara do outro, se batem, se quebram a cara. Aí não se respeita pai, não se respeita irmão, não respeita mãe, não respeita. É só na porrada,

Não dando muita cachaça, eles vão se civilizando, vão aguentando, e até que se acostumam.

Não há um regime de lhes ensinar como trabalhar. Porque eles entendem, não são demais rústicos, eles atendem.

Há muita cachaça, e os pobres, alguns morrem afogados.

Na MALOCA do CAXERO MORREU UM AFOGADO, tomou cachaça e parece que ia baixando atrás de um regatão para buscar mais cachaça e caiu no lago!

- E daqui de baixo, já é né? Dois numa vez e um noutra, né?

"Sim."

RELACIONAMENTO ENTRE OS GRUPOS KATUKINA DO RIO BRÃO:

"Estes de baixo, não se dão com estes lá de cima, com o CAXERO, o MARAUÁ!"

Motivo: Os CABOCLOS DE BAIXO, NÃO ESTÃO TRABALHANDO UNIDOS; MORAM TODOS ESPALHADOS, POR TODO O CANTO, e esta turma do Caxero e Marauá, são gente situado numa só maloca. Tanto produzem sorva como têm a produção de agricultura. Então a eles nunca lhes falta farinha. Não compram farinha. Fazem prá dar e vender. Trocam com os regatões. E estes daqui, não só vão atrás de farinha. Não têm para comer. Vão atrás para comprar. Os lá de cima não, tem prá comedoria. E são trabalhador. Nunca lhes falta produto. Esses de baixo quando têm, é 'meadito', nunca têm produto grande!.

CAUSAS DA DIFERENÇA:

Porque estes daqui não têm um que lhes ajunte num canto para trabalhar, que os ensine. Como quando trabalhavam comigo. Eu trabalhava e lhes mostrava plantações de banana, de macaxeira. Quando cheguei, plantavam só a mandioca. Algum pesinho de macaxeira, por um erro. Quando chegavam em minha casa, eu lhes dava macaxeira cozida, achavam bom. Aí me perguntavam como eu fazia, eu lhes disse que pantava muito. Mandioca em minha terra não se come. É veneno. Macaxeira se come, cozinhada, assada."

sada, frita. Aí me pediram maniva e foram aumentando o roçado. Banana também, já tinham algum pé desta banana ouro, da banana comprida, só algum pé. Aí viram minha plantação e ensinei como se comia: mingau, assada...

Depois que deixaram de trabalhar comigo se espalharam e não têm morada fixa. Não tem um que os governe, que os assista com rancho. Porque vem um compra seu produtinho, lhe dá qualquer coisinha em troca e fica nisto, todo o tempo desorientados. Precisa um que os governe, que os ensine a trabalhar.

Os outros não, estes estão situados lá, direito e é difícil de entrar regatão. Algum que vai e se apropria lá e faz essa viagem. Só é ele!.

-LÁ EM CIMA ESTÃO MAIS UNIDOS - ORGANIZADOS:

"Sim, e lá têm o Tuxáua. E aqui não têm Tuxáua, aqui está por cada qual; quem vencê, bem, quem não vencê, tá espiando. Lá em cima, tem dois Tuxáuas: MARAUÁ E CAXERO.

Caxero, que ficou exemplar do pai dele, o MÁRIO. MÁRIO = PAI. CAXERO = FILHO, que repartia a mercadoria. Quando o pai morreu, que era Tuxáua ele ficou exemplar deste Tuxáua, sempre tá levando o nome de CAXERO. Por isso que o nome da MALOCA é CAXERO.

MARAUÁ é MARAUÁ, ^(Antônio Marauá) e o filho dele é PEDRÃO. que ele está representando como Tuxáua. Marauá é um caboclo muito malfabeto, não pratica de se civilizar. Se você pergunta uma coisa, não lhe dá resposta, não lhe entende. Então Pedrão é um caboclo entendido. Serve de intérprete. Considera Marauá seu pai, porque a mãe dele é casada com ele. Mas todo caboclo diz que é filho do PEDRÃO (regatão). Ele representa como Tuxáua, pra negócios com os caríús!.

RELACIONAMENTO COM OS KANAMARI:

"Com os Kanamari não se dão esses caboclo daqui, porque eles só que rem matar. Não sei porque. Quando vão caçar e encontram picada de Kanamari, aí ficam armados esperando o momento de combate com eles. Não se dão com os Kanamari.

Talvez unindo-se, uma pessoa que possa iniciá-los em maiores condições, ensinar-lhes que não podem brigam, e sim unir. Aí eu digo que podem dar-se. Ou levar um caboclo daqui e fazer se reconhecer com esses Kanamari, a se ajudá com eles, agradecer-lhes, aí vão conhecendo. Trazem outro e levar na maloca, aí vão unindo-se. Mas assim de longe, eles não querem não!.

RIO BIA - RIO DOS INDÍGENAS:

"Quando cheguei aqui, perguntei propriedade de quem que era, disseram que não: '- É o rio dos indígenas'.

Quando estava morando lá, chegou uma pessoa e me perguntou se eu era indígena, porque diziam que aqui só morava indígenas. Aí eu disse que não: '- Moro aqui neste rio dos indígenas, mas ~~xxx~~ sou uma pessoa civilizada. Sou peruano'."

OUTROS MORADORES NÃO INDÍGENAS:

" Só o Basílio, o Ernestino (mariscador). Só três (3) famílias. Chico Davi (Garril) - que já morreu.

João Davi (Garril) - irmão do Chico -, morava dentro do Ipixuna. Agora tá em Manaus. Eram moradores há pouco tempo, estavam com começo de plantação.

Antigos mesmo eram estes: o Basílio, o Ernestino - morava nas Galeanas. O Basílio morava na boca do Ipixuna, 3 (três) voltas da boca do Ipixuna e era ali a casa do Basílio. Depois desceu para ficar junto com o Ernestino, nas Galeanas.

A mulher de Ernestino morreu, uma velhinha peruana, aí!.